

pensar ser um assassino em série na Argentina, contam entre risos). E dinheiro. Para a volta ao mundo procuram patrocinadores, mas a viagem não está em causa. Há formas de contornar a questão: em vez do hotel, uma pensão ou *couchsurfing*; em vez de restaurantes, supermercados, apontam. O importante mesmo é não parar de viajar: “Pensar em não viajar faz-nos morrer lentamente.”

Filipe Morato Gomes (40 anos), Luísa Pinto (36 anos) e Pikitim (4 anos)

Volta ao mundo em família

Se calhar vai acabar por não visitar as Filipinas, mas é o primeiro país de que fala. Afinal, o pai “ter” um país não é de todo vulgar - o pai chama-se Filipe... logo, na imaginação da criança, é o “dono” das Filipinas. Num instante, o planisfério é trazido para a sala (e é maior do que ela), estendido no chão, à laia de tapete, e Inês começa o seu giro por ali: as Filipinas não encontra (mas anda pela Ásia), a Itália primeiro é Portugal, mas depois já é “a bota”, os Açores é a casa da Matilde e a bandeira de França afinal está do outro lado.

Não foi por acaso que saíram estas referências da boca de Inês, quatro anos, e que recebeu da mãe Luísa a alcunha de *Pikitim*: esteve em Roma há poucos meses, já foi a França, aos Açores vai visitar a prima e às Filipinas talvez vá no próximo ano, durante a volta ao mundo que vai fazer com os pais, Luísa Pinto e Filipe Morato Gomes, a começar em Janeiro. É uma viajante “involuntária” e precoce, portanto, mas isso não parece incomodá-la: é com um sorriso fascinado que vê na internet “as casinhas com rodas” (carrinhas convertidas em auto-caravanas) que a mãe lhe mostra (“Inês, achas que ias gostar de uma destas?”) e é com orgulho que mostra o “tigre” que leva em todas as viagens, um pequeno *trolley* que é da sua responsabilidade, para encher com o que queira.



Provavelmente, nesta viagem o “tigre” ficará em casa. O Pipocas, o coelho de peluche que é o seu preferido irá, mas numa mochila, dizem os pais. É mais prático desta forma. Filipe e Luísa sabem do que falam, as viagens sempre fizeram parte da vida do casal e a certa altura tornaram-se o modo de vida dele. Quando, em 2003, este engenheiro de sistemas e informática ficou sem emprego, ganhou a oportunidade para realizar um sonho: dar uma volta ao mundo.

Durante 14 meses, viveu mundo e voltou “diferente”, nota Luísa, que chegou a pensar, sem grande convicção, em acompanhá-lo - “Não percebia bem o que estava ele a fazer”. Agora sabe e agora vai com ele, deixando para trás um emprego fixo: jornalista, pediu uma licença sem vencimento que não foi aceite e, passou tanto tempo

até obter essa resposta, que esta acabou por ser indiferente. Filipe chegou a duvidar. “Pensava que, para mim, a concretização estava dependente da resposta do jornal”, conta, por seu turno, Luísa, “na altura, também ponderei, mas decidi que queria fazer isto agora”.

“Pode parecer uma loucura, não é? Mas eu tenho de arriscar e arriscar agora.” Se não fizesse isto agora para manter um emprego, Luísa sabe que se arrependeria para sempre. E esse é um risco que não quer correr. Quando regressarem, vai tentar alguma coisa. Se calhar nem quererá voltar a fazer o que faz agora. “Não sei como vou chegar.” Se as pessoas nunca retornam iguais de uma viagem, mesmo curta, considera, ela agora enfrenta a incógnita de

saber como reagirá no registo de jornalista freelancer (durante a viagem tenciona fazer trabalhos). “Não sei se tenho vocação para isso. Até agora sempre disse que precisava da rotina de redacção.”

Talvez não a volte a sentir. Quando veio da sua volta ao mundo, Filipe nunca mais quis rotina. Chegou diferente. Com um “auto-conhecimento brutal”, mais tolerante, paciente, sim, e decidido “a, enquanto for possível, não ter um emprego normal de escritório, com horário e patrão”. E queria viver ligado às viagens, à fotografia e à escrita.

Com o *site* de viagens que criou (www.almadeviajante.com) conseguiu-o, complementado com as reportagens que publica em diversas revistas. Se não tivesse família, até poderia trabalhar numa praia na Tailândia. Como tem, e como desde que a Inês

nasceu passou a fazer mais viagens, mas mais curtas (“tanto por questões práticas, como pela relação afectiva”), volta e meia, meio a sério, meio a brincar, dizia: “Qualquer dia fazemos todos a volta ao mundo.”

Desta vez, a iniciativa partiu de Luísa. E perceberam que o momento era agora, até porque Inês ainda está no pré-escolar. “Ainda é fácil de gerir”, explica Filipe, “depois, não nos sentimos à vontade para assumir a escolaridade dela”. “E a escola é importante pela socialização”, continua Luísa. Mesmo agora, Inês não vai cortar os laços com os colegas: reuniões por *skype* com a escola, por exemplo, já estão marcadas (por iniciativa da educadora) para que quando ela volte não seja uma estranha. →

€1

DESCONTO 50%
OU CENTO 50 CENTS

Envie
as suas receitas
até 9 de Janeiro
2012

... uma Bimby
pode ser sua!

Edição do
aniversário 1º

Nesta edição comemoramos consigo um ano da **Contente Magazine**.
Juntos continuamos a celebrar a vida de forma apaixonante!



← Durante a viagem, também terá tempo para socialização. A ideia é que Inês contacte com outras crianças, que perceba as diferenças e veja as semelhanças, que entenda a diversidade. É umas das sementes que os pais esperam estar a plantar - outra é a sensibilização para as questões da conservação da natureza e do turismo ambiental, sustentável.

Pela Inês, Luísa e Filipe sabem que esta viagem vai ser diferente das anteriores - mais previsível (têm bilhetes de volta ao mundo), com actividades que não fariam sozinhos e com um ritmo distinto ("teremos de viajar mais devagar", explicam, "as crianças aguentam bem, mas ao seu ritmo, volta e meia têm de parar") - mas esta é uma viagem de família. A preocupação na preparação foi tripla: as experiências que podem proporcionar à Inês, os interesses mútuos e os locais que ainda não conhecem. O resultado estará no Diário de Pikitim (www.pikitim.com).

Filipe Teixeira, 27 anos

Por que não... viajar?

Quando entrou na licenciatura em matemática, Filipe Teixeira rapidamente percebeu que não era aquilo que queria. Seguiu, então, arquitectura, fez um estágio de três meses na Alemanha (onde há um edifício desenhado por ele), com um bom salário, e percebeu que aquilo não o preenchia. Voltou a Coimbra e à universidade, a um mestrado em bioquímica, que lhe deu entrada para o Centro de Neurociências poucos meses depois do início, com uma bolsa de investigação. Acabou o mestrado no final de Junho, defendeu a tese e no mesmo dia voltou as costas ao Centro de Neurociências - "Não me estimulava" - e, no processo, a um doutoramento em Estocolmo (com uma bolsa de vários milhares de euros mensais). "O problema é que não era suficiente", reflecte, "e eu não quero chegar aos 50 anos e pensar que perdi tudo".

Agora, diz, é fácil "desistir de tudo". "Eu sou novo, tenho 27 anos, por que não arriscar tudo? Por que não largar tudo e começar a viajar?" Trabalhou um mês a apanhar lixo no Jardim Botânico

FERNANDO VELUDO/NFACTOS



de Coimbra, vendeu o carro, a mobília, a bicicleta - (quase) tudo o que pôde e anda a correr mundo.

Tem barba, cabelo indisciplinado e sorriso de miúdo. Encontramo-lo com traje de viagem, mochila incluída ("espero que vá ficando mais leve, que eu perceba que não preciso das coisas"), uma vez que está em trânsito pelo Porto: no dia seguinte apanha o avião para Bruxelas, dois dias depois segue para a Tailândia. Aí encontra-se com a namorada belga, Sarah, que partiu um mês mais cedo. Na

verdade, esta é a viagem "dela"; Filipe acabou por tornar-se um passageiro entusiasta. Porque até já tinha pensado em fazer uma volta ao mundo. Faltava-lhe o catalisador.

Na realidade, tudo começou em 2009, na estadia na Alemanha, quando descobriu o *couchsurfing*.

Primeiro estranhou - "como vou ficar em casa de desconhecidos" - depois entranhou - "mudou a minha vida". Já viajava desde muito novo, com o pai, Portugal, Espanha e muita montanha pelo meio, depois começaram as viagens com os amigos, a primeira em 2004, Paris - "sempre em férias, uma semana, por *hostels* ou *bed and breakfasts*".

Com o *couchsurfing* abriu-se-lhe um admirável mundo novo: começou a receber viajantes em casa e descobriu que isso lhe

"enchia a vida". "Percebi que o problema não estava naquilo que estava a fazer, podia ser o que quisesse e mesmo assim falta alguma coisa", recorda. Alguma coisa que conseguia com o *couchsurfing*. "Com a arquitectura e a bioquímica é só um desafio e acho que qualquer pessoa pode fazer tudo o que quiser", considera, "com os *couchsurfers* é diferente. Eles chegam, ensinam-me coisas, partilham experiências, são pessoas que ali estão. É algo real". Descobre que não é o único: "O único a pensar assim, a ver aquele filme, coisas desse género."

A primeira viagem a solo foi, portanto, como *couchsurfer*, à Islândia. "Mudou um pouco a minha vida", assume. Porque uma noite escapou por pouco a um acidente e a partir daí decidiu "que ia mudar mesmo, que ia começar a aproveitar as coisas ao máximo". E começou a viajar mais e começou a ser viciante.

Por enquanto, o vício vai ser alimentado durante seis meses. Onze países na rota definida por Sarah, à qual Filipe fez algumas concessões - "A Ásia nunca me estimulou muito, mas acho que vou ter muito para aprender lá. O valor do dinheiro, por exemplo" - e poucas alterações - uma delas é que vai percorrer a Malásia enquanto a namorada vai à Indonésia. "Mas muita coisa mais pode mudar", sublinha. E muita coisa há para decidir. Que trabalhos vai fazer pelo caminho, por exemplo - "três ou quatro horas" diárias de trabalho (no sistema de *Work Exchange*, mas "mais físico" do que o habitual, para o ajudar a perceber os seus limites, diz. Na Malásia prevê trabalhar em *organic farming*, falta escolher entre uma quinta ou um *resort*; na Austrália está dividido entre uma escola de mergulho ("quero aprender"), uma escola de equitação ou tomar conta de duas crianças ("seria muito interessante porque estaria com uma família"). Ou que experiências não quer perder: pára-queda na Nova Zelândia, *trekking* de elefantes no norte da Tailândia, alimentar tartarugas na Malásia...

Daqui a seis meses, prevê: "Vou fazer outra coisa maluca, já pensei, por exemplo, juntar-me aos Médicos Sem Fronteiras. Tenho a certeza de que vou estar sempre à procura de alguma coisa. É impossível para mim estar parado."